

O verso alexandrino na poesia portugueza⁽¹⁾

0000

(ALBERTO DE OLIVEIRA)

○○○○○○○○○○

O alexandrino classico entrou em Portugal com a escola francesa ou arcadica, na segunda metade do seculo XVIII. Supponho que o primeiro que o praticou, obedecendo ao modelo francez foi Bocage. No 3.^o vol. de suas POESIAS, ed. de I. F. da Silva, pags. 185, 204, 207 e 209, ha quatro fabulas neste metro, e em uma dellas, menos nos dois ultimos versos, vêm alternadas á franceza as rimas graves e agudas ou *machas* e *femeas*, como lhes chama Castilho.

Praticaram tambem o alexandrino, mas cingindo-se á forma antiga, como ainda hoje a usam os hespanhoes e italianos, Manuel de Figueiredo (THEATRO), Silva Alvarenga (*Epistola a D. José I*, *A José Basilio da Gama e Os vicios*), José Basilio da Gama (*Declamação tragică*) e talvez outros. Accentuou-se nesse tempo a tendência para versos mais amplos, tendo até havido, poucos annos depois, ensaios de hexametros, alternados ás vezes com pentametros, da parte de alguns poetas, como Vicente Pedro Nolasco da Cunha (*Q incendio de Moscow e outros poemas*), Anastacio da Cunha (*Idyllio de Gesner*, trad.), e, mais tarde, José Maria da Costa e Silva (*Epistola e Episodio*, pags. 232 e 265 das POESIAS, vol. III). Na *Epistola*, o autor do ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO assim se dirigia a Pedro Nolasco :

O' tu, que do Tejo, Cysne de candida pluma,
Ao Thames vôaste, onde o teu canto divino
Os ares, ventos, nymphas, pastores namora,
Salvé ! pios votos de amigo, vate, te buscam.

(1) Fragmento de bella e erudita carta a Alberto Faria.

E Pedro Nolasco assim alternava, como os gregos e latinos, hexametros com pentametros :

Véos funebres da Morte, que fulgurando nos astros,
Cá sobre a terra pallida sombra cobre,
Dae-me que subindo ás fontes da etherea vida,
Mysterios sonde que avido o céo recata.

O alexandrino bocagiano, como se vê deste exemplo :

Mona tão horrorosa, ou mais do que o diabo,
Com callos no trazeiro, e sem cabello ao rabo,
Num moninho brincão, que tinha dado ao prélo,
Cegamente empregava o maternal desvelo.

é composto de dois versos de seis syllabas, apenas articulado no ponto de juncção dos dois hemistichios. E' sempre regular e monotono, como quasi todo o alexandrino classico. Ainda em 1829, Castilho o não variava :

Medita-se o lunario, estuda-se a gazeta,
Ferve o papel moeda; imprimem-se versões.

(EXCAVAÇÕES POETICAS).

Variou-o mais tarde, principalmente no OUTOMNO e nas GEORGICAS :

...Vê sangue, a cór do sangue, o reflexo do sangue!
...Vai tacteando o escuro, acha o lar, palpa e sente.
...Lá por cabelo, o beiço inchado, escura a tez.

(OUTOMNO).

Elle, como fazendo-se a si mesmo justiça, o declara em nota ás EXCAVAÇÕES, « domesticou o alexandrino », e não sómente o domesticou : melhouro-o, aperfeiçoou-o, variando-lhes as pausas, dando-lhe inflexões novas.

Entre nós não sei de poeta algum, anterior a Teixeira de Mello, que haja feito o alexandrino de padrão classico. NAS SOMBRAS E SONHOS, cuja publicação é de 1858, ha uma poesia (pgs. 197

e segts.) inteira neste metro, ao todo 64 versos, onde apenas dois se afastam da regra de sua formação. Mas o seu feitio é o mesmo que vinhamos observando nos de Bocage e nos primeiros de Castilho :

Um dia estava eu triste, e triste em torno tudo,
E tu me perguntaste a mim, que envelheci,
Ouvindo palpitar meu seio de velludo,
Porque ficava eu triste e mudo ao pé de ti.

Como, segundo a tradição, foi Dedalo quem primeiro desatou os braços e pernas das estatuas gregas, hirtas, no começo da arte do cinzel, á feição das egypcias, em que se inspiravam, coube a Machado de Assis deslocar as pausas classicas do dodecasyllabo, quebrando-lhe a fórmula rigida em que se inteiriçava, alando-o, subtilizando-o, como neste verso das **CHRY SALIDAS** (1864) :

Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor !

SE TENDES QUE VIAJAR MUNI-VOS DO
"PEQUENO DICCIONARIO FRANCEZ"

CASA SÃO MIGUEL de ADILIO de SOUZA